

## TERRITÓRIOS OUTROS: NOTAS PARA UMA CARTOGRAFIA CONTEMPORÂNEA – MODA E ANTROPOFAGIA

Silva, Ariadne Moraes; MsC; Arquitetura e Urbanismo (UFBA)

Mello, Márcia Couto; PhD; Moda, Artes e Contemporaneidade (UNIFACS)

### Resumo

A instauração do sensível como possibilidade de criar ambiências onde modas e arquiteturas transitem através de devires e formação de territórios que transbordem para novos campos de ação. A cartografia, ao contrário do senso tradicional, abre espaço para a construção de universos territoriais capazes de captar sensações, criar perceptos e expressar afetos. O cartógrafo ou transeunte costura suas percepções na cidade “devorando” seus tecidos urbanos, cartografando espaços existenciais.

**Palavras Chave:** moda; cartografia; sensações.

### Abstract

The establishment of the sensitive as a possibility of creating environments where fashions and architectures roam through transformations and formation of territories which irradiate to other action fields. Cartography, in opposition to the common sense, opens up space to the construction of territorial universes capable to catch sensations, create percept and express affection. The cartographer or the passer-by does the needlework to his/her perceptions at the city “devouring” its urban tissues, cartographing existential spaces.

**Keywords:** fashion; cartography; sensations.

*O cartógrafo é antes de tudo um antropógrafo*

Suely Rolnik

Discutida por teóricos clássicos de forma cartesiana, a análise das imagens urbanas apoiou-se sobre uma lógica binária, durante um longo período, e ainda é adotada pela maior parte dos que se dedicam a fazê-la, o que só se justificaria se as imagens das cidades não atingissem o *imaginarium* e se limitassem ao que pode ser visualizado.

A cidade não é simplesmente um fato, um dado colocado pela concretude da vida, mas como um objeto de análise e tema de reflexão, ela é construída como desafio e, como tal, objeto de questionamento. Ao mesmo tempo, a metáfora é quase uma condição para a imagem urbana, devido à multiplicidade de olhares que ela comporta. No caso das cidades, a metáfora versa sobre a própria existência da imagem, portanto, a possibilidade de conhecer uma cidade unicamente através da visualidade poderia limitar o espectador também a imaginá-la apenas através da sua expressão metafórica (MELLO, 2011, p.63).

Quando as paisagens urbanas são capturadas através de imagens vazias de pessoas, a arquitetura se incumbe de comunicar sobre a cidade, entretanto, as paisagens culturais que cartografam as urbanidades, dependem da análise de elementos que escapam até ao que possa estar arquitetonicamente monumentalizado e, conseqüentemente, distanciam o observador de uma percepção sensível do espaço.

Possivelmente, a necessidade de instaurar o sensível para representar graficamente os territórios tenha sido observada ainda quando surgiram as primeiras cartografias manuscritas, no século VI a.c., portanto, não se pode dizer que a idéia de analisar as paisagens através das suas “ambiências” não se aplique às imagens das cidades ao longo da história, todavia, esta questão se torna mais evidente quando a proposta de análise versa sobre os territórios da contemporaneidade, vista que, são espaços que sequer se limitam à materialidade.

Aparências características ou híbridas dos indivíduos participam na construção das “ambiências”, definidas por Thibaud (2011, CD-ROM), como a percepção dos espaços através de uma “ecologia sensível que [...] se situa

principalmente no cruzamento de questões de natureza social, estética, urbana, ecológica e política”. Expressas por modos, vestes, gestos, costumes, modas, as figuras humanas inseridas às cartografias provocam a sensibilidade do observador e potencializam uma percepção flexível do conteúdo imagético.

Propõe-se, então, um deslocamento da cartografia tradicional (geralmente compreendida através de um mapa estático) para universos existenciais e afetivos, abrindo espaço para a exploração de territórios outros, inclusive virtuais e sensoriais, afinal, conforme Rolnik (1989, p.1), as paisagens psicossociais são cartografáveis: “A cartografia [...] acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos”.

A questão da captura e de uma nova cartografia dos espaços transita inevitavelmente pela antropofagia. Segundo Rolnik (1989, p.1-2), enquanto devora elementos que lhe parecem de composição, o cartógrafo tem como tarefa “dar língua para afetos que pedem passagem”, expressando estrategicamente as formações do desejo nos campos sociais. O uso de uma linguagem flexível e livre, integrando história e geografia, define que o perfil cartógrafo é “exclusivamente um tipo de sensibilidade”, que o coloca, sempre que possível, “na *adjacência das mutações* das cartografias, posição que lhe permite acolher o caráter finito e ilimitado do processo de produção da realidade que é o desejo”. Rolnik (ibidem) ainda acrescenta que:

Para que isso seja possível, ele se utiliza de um “composto híbrido”, feito do seu olho, é claro, mas também, e simultaneamente, de seu corpo vibrátil, pois o que quer é aprender o movimento que surge da **tensão fecunda** entre fluxo e representação: fluxo de intensidades escapando do plano de organização de territórios, desorientando suas cartografias, desestabilizando suas representações e, por sua vez, representações estacando o fluxo, canalizando as intensidades, dando-lhes sentido.

Mas, como cartografar os processos antropofágicos que são percebidos através das modas provocadas pelas potências nômades ativas? Enquanto a altermoda, como um processo de subjetivação, auto-identificação, ou micro-resistência, cultua uma espécie de antropofagia modernista, se apropriando de elementos da própria cultura para criar aparências modais, a hibridação que também

aparece rebatida nas paisagens culturais contemporâneas é um reflexo de uma antropofagia que ultrapassa os limites míticos e literais, para estabelecer uma nova política de relação e subjetivação, a qual Rolnik (2009) denomina por “subjetividade flexível”,<sup>1</sup> onde elementos heterogêneos e desterritorializantes, nutrem o processo de internacionalização.

Uma sobreposição de cartografias se desenha em um mundo formado por redes globais. Há uma porosidade entre forças visíveis e invisíveis, e fronteiras que extrapolam dispositivos capazes de aproximar e capturar dimensões em nível micro. Essas zonas ainda se encontram nebulosas, ainda mais se formos afetados pela própria experiência de vida que se transforma velozmente em uma sociedade que tende a uma desorientação provocada pela armadilha de um regime temporal marcado pelo poder.

Esse processo de devorar, de buscar e compor elementos das cidades, se realiza na experiência do corpo e na sua relação com a urbanidade em senso amplo. Segundo Rolnik (2011, p.215) “definiríamos a micropolítica antropofágica como um processo contínuo de singularização, resultante da composição de partículas de inúmeros outros devorados e do diagrama de suas marcas respectivas na memória do corpo”. A partir dessas problematizações desenvolvem-se algumas conceituações que provocam tensionar relações tangíveis entre a extensão de corpos, cartografias pulsantes e sensações alavancadas pela experiência da experimentação enquanto linha de fuga aos processos hegemônicos que ainda se aprisionam em representações dialéticas.

### **Cartografia das sensações: experimentações, expressões e micropolítica**

As sensações, as vibrações, as transversalidades e os olhares – enquanto mundo percebido – não vêm como suporte para a interpretação do objeto, mas sim para o estreitamento de processos perceptivos e afetivos, subjetivos ao olhar. Os perceptos têm um caráter mutável. Para Baudrillard (1992), o homem pode achar-se ligado aos objetos de uma dada ambiência, pelo mesmo trato íntimo que se encontra ligado aos órgãos do seu próprio corpo.

---

<sup>1</sup> Para Rolnik (2009) “Como uma potencia nômade ativa, a subjetividade adquire a liberdade de se desapegar dos territórios aos quais está habituada, circular entre vários tipos de repertório, fazer outras articulações, montar outros territórios.”

A cartografia implementada pela política do cotidiano, ao transitar entre pequenas ações, pode operar nessa transversalidade de sensações, pois não se trata de distinção por escalas, dimensões ou tamanho, mas pela natureza do sistema de referência considerado, por essas e outras, linhas de movimentos moleculares (mesmo imperceptíveis no nível da macro-política) podem interferir e afetar as grandes organizações molares.<sup>2</sup>

Se a produção da moda, da arquitetura e da cidade estiver atrelada economicamente ao capitalismo ou a uma lógica de Estado, obviamente tenderá a ser sobre-codificada.<sup>3</sup> Há, evidentemente, possibilidades fora desse *status quo*, a exemplo de algumas materializações que são abstraídas de um universo, de uma geografia mais informal da cidade ou nas contaminações entre formalidade e informalidade que permitem a participação mais intensa da população nos processos construtivos da cidade. O arquiteto ou o designer de moda, muitas vezes, se depara com uma questão inquietante: como projetar ou criar e ao mesmo tempo criticar as redes que sustentam tais atividades?

*Afectos* e *perceptos*, por exemplo, talvez sejam condições intrínsecas à constituição de toda obra de arte. Pintamos, projetamos, escrevemos, desenhamos com sensações. A sensação não se realiza apenas no material manipulado pelo fruidor (o artista, o criador) sem que esse material entre inteiramente na sensação, no *percepto* e no *afecto* – onde são estabelecidas tensões entre os corpos. Nesse sentido, toda matéria, então, se torna expressiva e essa dinâmica em conexão com o sujeito os coloca em relação direta. A verdadeira arte jamais separa a técnica da expressão.

A obra de arte, assim como o objeto arquitetural ou uma peça de vestuário, é, então, um ser de sensações, onde são criados blocos de *perceptos* e *afectos*. Nesse deslocamento estético, segundo Deleuze e Guattari (1992, p.227), o artista é mostrador de *afectos*, inventor de *afectos*, criador de *afectos*, em relação com os *perceptos* ou as visões que nos dá. Não seria apenas em suas obras que eles os

---

<sup>2</sup> Vide DELEUZE; GUATTARI (1996), Mil Platôs, v. 3 – Capítulo “Micropolítica e Segmentaridade”, p.83-116.

<sup>3</sup> As arquiteturas e as modas, enquanto multiplicidades de expressões tendem a se repetir em diferentes graus e níveis, mas não mudam de natureza e continuam servindo às “sociedades de controle” e às redes de corporações sob a égide de diferentes aparelhos de Estado. Nesse sentido, atreladas ao mercado e ao capital, elas também tendem a ser conservadoras.

criam, os artistas nos dão e nos fazem transformarmo-nos com eles, os artistas nos apanham no composto.

É o que acontece nos processos de experimentação. A experimentação é uma prática. A experiência pode ser entendida como um conhecimento que é apreendido pelos sentidos, como se observam nas indagações de alguns filósofos e pensadores que trataram dessa questão ao longo de suas inquietações acerca da própria condição humana (John Locke, David Hume, Henri Bergson, Merleau-Ponty). O hábito, no entanto, pode ser uma violenta estratificação, assim como os métodos de interpretação, que serão contrapostos pela experimentação. O lugar hoje é desconstruir hábitos e as formas de pensar, ao invés de repetir experiências. E experimentar, conforme nos alerta Deleuze (1992, p.109): “O método de Foucault sempre se contrapôs aos métodos da interpretação. Jamais interprete, experimente...”

Isso leva a crer que a questão da experimentação enquanto performance talvez seja um caminho interessante para alguns processos de criação; não uma experimentação baseada na experiência repetitiva, mas numa abordagem empírica mesmo – uma experiência sensível e nova.

As inúmeras discussões acerca da imagem e suas diversas dimensões (imagens públicas e suas representações na cidade, imagens visuais e plásticas, a fotografia, o cinema, o design na contemporaneidade, a exacerbação do marketing, a cidade-outdoor) principalmente as relações entre imagem visual e realidade, são conceituações amplamente trabalhadas por filósofos e pensadores ao longo da história do conhecimento.

A arte, a representação do visível e os artifícios do mundo percebido estão mais próximos de uma experiência tátil do que de uma experiência de um olhar puro. É como se o olhar pudesse “apalpar” as coisas. E esse olhar se constrói nessa variação, nessa vibração e nessa derivação de saberes e percepções (experiência empírica) articuladas com novas orientações do pensamento.

Todo agenciamento é territorial. Os territórios são atravessados por inúmeras linhas de desterritorialização, por expressões (transformações incorporais,

substância) e conteúdos (corpo de fato, forma)<sup>4</sup>. A criação de territórios e a construção de seus diferentes cenários, a sobrecodificação de seus espaços e suas mediações, as heterogêneas linhas de interseção, as imagens instituídas nas cidades e suas diversas dimensões, também perpassam por outras formas de percepção e apropriação advindas das esferas do cotidiano, formuladas *entre* conexões moleculares (micropolítica).

Tais micro-ações, capazes de provocar rupturas, contestações e questionamentos que suscitem quebras das segmentaridades duras, são fundamentais para a criação de novas territorialidades e de focos de resistência. A arte, a arquitetura e a moda expressam essas transformações, como se vê a seguir, através do pensamento de Guattari (1985, p.117):

(...) a arquitetura até segunda ordem, potencialmente, também é uma arte. E o que é uma arte senão justamente um condensador subjetivo para produzir mutações, conversões de produção de subjetivação? A arte é justamente um condensador que permite essa conversão de produção subjetiva.

As revoluções políticas, sociais e culturais engendradas pelas forças moleculares estão conectadas com fluxos de desejos. Desejo enquanto criação; desejo enquanto processo de desterritorialização; desejo enquanto construção de linhas de fuga que não se submetam aos processos de nivelamento e homogeneização massacrantes agenciados pela chamada “subjetividade coletiva da mídia” (GUATTARI, 1992) e seus mecanismos sócio-tecnológicos ou ainda pela força esmagadora das relações econômicas.

Como avançar, então, nessas questões? Como abrir novos discursos e ações para pensar uma cartografia do devir? A instigação de experimentações e processos mais intempestivos pode ser um caminho interessante. Permitir transformações nas formas de percepção do indivíduo - estar no meio, entre as coisas, *intermezzo* - sem vislumbrar, necessariamente, o resultado.

Pode-se apontar para uma cartografia de ações moleculares engendradas por diferentes agenciamentos que perpassa por processos de re-singularização? Essas questões podem estar presentes em sua postura no nível da “projetação”? É

---

<sup>4</sup> DELEUZE; GUATTARI (1997), conferir no último capítulo - Conclusão: regras concretas e máquinas abstratas; mais precisamente os conceitos Estratos, estratificação, p.216-218 e Agenciamentos, p.218-220.

possível escolher de que forma atuar? Trata-se de uma questão ética que perpassa pela dimensão política.

Utilizando como referência os grandes centros urbanos, verifica-se uma transformação radical das mega-estruturas de circulação e das relações de ocupação e uso dos tecidos das cidades. Se em outros tempos as estruturas urbanas mais relevantes eram categoricamente planejadas e elevadas ao status de símbolo de uma Era e representativa da cultura de um povo de uma cidade (mesmo que tendenciosa – a cultura do simulacro) - aquilo que Berman (1986, p.274) chama de “floresta de símbolos *baudelaireana*”, referindo-se a uma certa overdose de veras impactante de arquiteturas modais e representações simbólicas da modernidade – hoje algumas dessas estruturas “rígidas” evidenciam a transmutação eloqüente dos modos metropolitanos e servem de cenário para a degradação da vida humana. É preciso sobreviver nas grandes metrópoles.

Formas de entendimento do espaço arquitetônico em que seja possível trabalhar outros limites e temáticas que ainda não foram devidamente atravessadas em suas ações práticas, a exemplo do estabelecimento dessas novas escalas contemporâneas (aquilo que Rem Koolhaas chama de Extra Large) e, mais precisamente, as relações dessas novas cidades (em especial as metrópoles) com a obra de arte, as modas, as sensações, as micro-ações do cotidiano, a experimentação do corpo, as manifestações nômades e o próprio pensamento sobre a urbanidade, entre outros campos, que apontam para formação de novos territórios e modos intempestivos emergentes, possíveis de escape aos agenciamentos maquínicos.

Ou, como coloca Baudrillard (1992), considerando o atual estado de coisas como uma espécie de pós-orgia, vivemos momentos explosivos de liberação de todos os domínios, onde tudo vale. Tudo tende a ser antecipado, simulado, repetido... indefinidamente. Uma comunicação de “enredo forçado”, onde não há mais espaço para o silêncio.



## **A arte enquanto potência geradora de blocos de sensações – perceptos e afetos**

Espaços, ambientes, meras arquiteturas de prédios ou de vestes, muitas vezes, podem reprimir devaneios e desejos? Ou, ao contrário, potencializar tais sensações? Para o arquiteto finlandês Juhani Pallasmaa (1986, in NESBITT, p.484), “a experiência da arte é uma interação, entre as nossas memórias corporificadas e o mundo”. Ter a experiência de uma obra de arte significa recriar sua dimensão de sentimento. Para ele, a arquitetura é também a morada de seres metafísicos e tem o poder de levar a imaginação a distanciar-se do mundo da realidade cotidiana.

Segundo Barbieri (2007), a partir dos ensaios do filósofo Gilles Deleuze acerca do pensamento de Espinoza e Bergson<sup>5</sup>, existe uma potência de encontros de corpos que envolvem afecções e afetos que vão se desencadeando, se articulando e se desdobrando. “As afecções, enquanto estados que um corpo imprime em outro por meio de sua força de existir, e os afetos, enquanto transições vivenciadas entre um e outros estados do corpo, ou seja, enquanto durações que os conectam e os fazem permanecer à deriva num território de puro movimento”. O afeto, então, é da ordem dos corpos e o devir é da ordem da intempestividade, da oscilação e, nessa coexistência entre comunicações, arquiteturas e modas são estabelecidas relações que se desenvolvem em durações, sucessão que a autora chama de *espaço de suspensão* - um espaço que não se orienta por uma questão dimensional, escalar, física e material, mas um espaço destituído de matéria e que se manifesta a partir de correntes de afetos, que são incorporais.

Para Fuão (2004), o sentido do espaço só existe a partir da experiência do ‘eu’. O sentido do espaço está além da sua superfície de contato e muito mais conectado ao interior de quem o vivencia; nesse sentido, o espaço é imaterial, é plástico e etéreo como o próprio tempo. E é, através da sensação, que se pode ultrapassar a simples figuração ou a pura representação - “(...) a forma referida à sensação (Figura) é o contrário da forma referida a um objeto que ela deveria representar (figuração)”. Segundo Deleuze (2007), ao analisar a obra de Francis

---

<sup>5</sup> No texto desta autora – *Arquitetura inatural como arquitetura da diferença [uma comunicação de afetos e durações]* - dois conceitos foram extraídos dos escritos de Deleuze sobre o pensamento de Espinoza e Bergson - o **afeto**, entendido enquanto um movimento essencial entre partículas que compõem um corpo, e a **duração**, um movimento que é condição para se penetrar numa realidade imanente e criadora.

Bacon, essa sensação está voltada ao sujeito, mas também ao objeto (o fato, o lugar, o acontecimento); para que o espectador possa experimentar a sensação da obra de arte, a exemplo de uma pintura, é preciso que ele entre no quadro. Daí a máxima de que a relação entre o indivíduo e o espaço se constrói em potência de afetos e percepções, onde a arte opera como grande catalisadora desse encontro podendo desencadear, também, processos criativos.

Em alguns processos contemporâneos que beiram arquiteturas de ruptura e articulações modais, que inserem novas lógicas espaciais, sejam criações mais experimentais ou até algumas experiências virtuais, têm a potência fazer despertar, de provocar sentimentos imprevisíveis, porque não estão, necessariamente, dentro de um desencadeamento lógico de repetições, mas tangenciam um certo desequilíbrio. A própria cidade é vibração em estado bruto que se apresenta em potências de ritmos que ultrapassam a sensação visual – a sensação dos sons, por exemplo. A goteira no telhado, a buzina do carro, o canto dos pássaros, o triturador do caminhão de lixo, a música dos pregões dos ambulantes, as crianças brincando nas ruas, a sensação da distância, o cheiro do pão na esquina. Segundo Deleuze (2007, p.49):

Os níveis de sensação seriam domínios sensíveis remetendo aos diferentes órgãos dos sentidos; mas cada nível, cada domínio, teria uma maneira de remeter aos outros, independentemente do objeto comum representado.

É complicado afirmar onde começa ou acaba a sensação; trata-se de uma impressão difícil de se tabular. Mas a arte tem o dom de conservar. Para Deleuze e Guattari (1992), o objetivo da arte seria arrancar o *percepto* das percepções e os afetos das afecções; num primeiro momento, extrair o *percepto* e o afeto do próprio objeto de arte e do “sujeito percipiente” que o experimenta, desencadeando um bloco de sensações. E para tal, é preciso que o artista, seja um pintor, um escritor, um designer ou um músico, utilize a arte enquanto linguagem das sensações (que se faz nas palavras, nas cores, nas texturas, nos sons) a partir dos materiais inerentes ao seu universo artístico de atuação.

## Territórios outros

*A escala é sempre uma dimensão do poder*

Cibele Rizek

É possível falar em território das sensações? Até na conformação do próprio habitat, ou da vestimenta, e suas relações funcionais e estruturais de existência, pode-se estabelecer conexões que vão muito além das percepções fenomenológicas. Sensibilidade que transcende o abstracionismo e possibilita a transformação das próprias funções. Até as figuras geométricas em estado bruto tem afecções e percepções. No universo da arquitetura e da moda, mesmo nas formulações de conceituações, por exemplo, a criação do conceito não é apenas pensada, mas pode ser sentida e percebida. Obviamente que, diferente de meros parangolés, um trabalho de arquitetura está sempre em um local, em uma situação, localizado em algum lugar, mesmo que virtual (uma arquitetura sem contexto ainda encontra-se em relação com um plano utópico) e o contexto pode ser geográfico, histórico, cultural, político ou econômico. Não se trata de uma questão em sua dimensão visual ou em termos do tipo “contextualismo”, como uma implicação estética conservadora.

O verdadeiro confronto com os dispositivos que modelam a vida metropolitana segundo padrões e interesses hegemônicos deve passar necessariamente pelos processos de subjetivação que tecem a complexa teia dos desejos coletivos. No entanto, segundo o pensador Giorgio Agamben (2010, p.16), é nessa mesma teia que a vida humana “é incluída no ordenamento unicamente sob a forma de sua exclusão [...] o espaço da vida nua, situado originariamente à margem do ordenamento, vem progressivamente a incluir com o espaço político, e exclusão e inclusão, externo e interno [...] em uma zona de irreduzível indistinção [...] quando as suas fronteiras se esfumaçam e se indeterminam, a vida nua que o habitava libera-se na cidade e torna-se simultaneamente o sujeito e o objeto do ordenamento político e de seus conflitos, o ponto comum tanto da organização estatal quanto da emancipação dele”. E é nesse sentido, que o cartógrafo antropófago, seja um cidadão, um passante, um transeunte ou um artista de escape, deve ter a capacidade de intervir e agir sobre essa porosidade, desativando, mesmo que temporariamente, esse dispositivo de agenciamento macro, e construir sua

cartografia atravessando esse ordenamento disciplinar. Não se apresse! Os becos podem apontar outras saídas, por caminhos de ação de outra natureza. Abre-se então, para nós, pesquisadores, filósofos, antropólogos e artistas engajados nos dilemas da contemporaneidade, a possibilidade de explorar outras ferramentas sensíveis e híbridas com ações políticas desafiadoras.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer**. O poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

BARBIERI, Maria Júlia. **Arquitetura inatual como arquitetura da diferença** – uma comunicação de afetos e durações. Na densidade do espaço. São Paulo: portal vitruvius, setembro de 2007. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br>>. Acesso em: 10 mar. 2008.

BAUDRILLARD, Jean. **A transparência do mal**: ensaios sobre os fenômenos extremos. Campinas, SP: Papirus, 1992, 2ª edição.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

\_\_\_\_\_. **Francis Bacon**: lógica da sensação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed. 34, Volume 3, 1996. Volume 5, 1997.

\_\_\_\_\_. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

FUÃO, Fernando Freitas. **O sentido do espaço**. Em que sentido, em que sentido? – 1ª. Parte. São Paulo: portal vitruvius, maio de 2004. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br>>. Acesso em: 12 abr. 2008.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 1992.

\_\_\_\_\_. **Espaço e Poder**: a criação dos territórios na cidade. In: Espaço & Debates, n.16, São Paulo: NERU, 1985, p.109-120

MELLO, Márcia M. Couto. **Modas, arquiteturas e cidades**: interfaces, conexões e interferências. 2011, 204f. Tese de doutorado – Arquitetura e Urbanismo. PPG da Universidade Federal da Bahia. Salvador: 2011.

PALLASMAA, Juhani (1986). **A geometria do sentimento**: um olhar sobre a fenomenologia da arquitetura. In: NESBITT, Kate (org). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995). São Paulo: Cosac Naify, 2006, p.481-490.

ROLNIK, Suely. **Políticas da hibridação**: evitando falsos problemas. In: MESQUITA, Cristiane; PRECIOSA, Rosane (orgs.). Moda em ziguezague: interfaces e expansões. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

\_\_\_\_\_. **Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo**. In: Núcleo de Subjetividade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). São Paulo: 1989. disponível no site acessado em 18/05/2012.: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensarvibratil.pdf>

\_\_\_\_\_. **Antropofagia Zumbi**. Palestra proferida no Encontro Internacional de Antropofagia (EIA). São Paulo: Teatro SESC Pompéia, dezembro de 2009. disponível no site acessado em 18/05/2012: <http://www.youtube.com/watch?v=0UBJ9KWisaQ&feature=BFa&list=ULvil8cWpGslc>

THIBAUD, Jean-Paul. **O vir-a-ser ambiente do mundo urbano**. Anais do Segundo Seminário Internacional URBICENTROS – "Morte e Vida dos Centros Urbanos" Universidade Federal de Alagoas, Maceió: CD-ROM, 2011.